

ENSINO DE MODA NO BRASIL: ENTRE RASTROS E ECOS

Fashion teaching in Brazil: between tracks and echoes

Enseñanza de moda en Brasil: entre pistas y ecos

Entrevistadores:

Milena Mayuri Pellegrino Ogushi¹

Felipe Fonseca²

Entrevistas concedidas por Mara Rúbia Sant'Anna, em 31 de março de 2021, e por Maria de Fátima Mattos, em 23 de abril de 2021, pela plataforma virtual Microsoft Teams.

1 Mestranda em Psicologia Social e Cultura no PPGP/UFSC. Graduada em Psicologia pela UFSC (2011) e em Moda pela Udesc Ceart (2019). Possui especialização em Políticas Sociais e demandas familiares pela Unisul (2015). As áreas de interesse são Moda, Arte, Processos de criação, Psicologia Social, Estética e Ensino Superior. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1589286686946842>; e-mail: milenaogushi@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4126-2491>

2 Mestrando em História Global no PPGH/UFSC. Bacharel em Moda pela Udesc Ceart (2021), onde foi bolsista de extensão no Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) e bolsista de Iniciação científica junto ao Laboratório Moda, Artes, Ensino e Sociedade (LabMAES). Tem interesse nas áreas de História da Cultura, Memória das Sociabilidades LGBTQIA+, Moda e Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3002618607056833>; e-mail: felipefonseca.fs@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2130-9739>

RESUMO

Através das memórias das professoras Dra. Maria de Fátima Mattos (CUMML) e Dra. Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC), a entrevista conta a história do Fórum das Escolas de Moda Dorotéia Baduy Pires e a criação do Grupo de Trabalho “Educação: teoria e prática em Moda”, ações que ocorrem durante a programação do Colóquio de Moda. O objetivo é documentar o papel do Fórum e do GT frente às transformações nacionais ocorridas nas diretrizes de formação dos cursos superiores de moda e identificar as potencialidades de ambos para mudanças curriculares emergentes, acompanhando as problematizações apresentadas nas pesquisas durante a realização do 1º Encontro de GTs, que se referem principalmente à inclusão das diversidades e o uso de novas tecnologias no ensino.

Palavras-chaves: Colóquio de Moda; Ensino Superior; Fórum das Escolas de Moda.

Abstract

Through the memories of teachers Dr. Maria de Fátima Mattos (CUMML) and Dr. Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC), the interview tells the story of the Forum of Fashion Schools Dorotéia Baduy Pires and the creation of the Working Group (WG) “Education: theory and practice in Fashion”, actions that take place during the Fashion Colloquium programming. The objective is to document the role of the Forum and the WG in the face of national transformations in the formation guidelines of fashion higher courses and to identify the potential of both for emerging curriculum changes, following the problems presented in the researches during the 1st WG Meeting, which mainly refer to the inclusion of diversities and the use of new technologies in teaching.

Keywords: Fashion Colloquium; Higher education; Fashion Schools Forum.

Resumen

A través de las memorias y documentación de las profesoras Dra. Maria de Fátima Mattos (CUMML) y Dra. Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC), la entrevista cuenta la historia del Foro de Escuelas de Moda Dorotéia Baduy Pires y la creación del Grupo de Trabajo (GT) “Educación: teoría y práctica en Moda”, acciones que se desarrollan durante la programación del Coloquio de Moda. El objetivo es documentar el papel del Foro y el GT ante las transformaciones nacionales en los lineamientos de formación de los cursos superiores de moda e identificar el potencial de ambos para cambios curriculares emergentes, siguiendo los problemas presentados en las investigaciones durante el 1er encuentro de Grupos de Trabajo, que se refieren principalmente a la inclusión de diversidades y el uso de nuevas tecnologías en la docencia.

Palabras clave: Coloquio de moda; enseñanza superior; Foro de Escuelas de Moda



Mara Rúbia Sant'Anna (esq) e Maria de Fátima Mattos (dir).
Fonte: Colóquio de Moda. Elaborado por: Felipe Fonseca.

Mara Rúbia Sant'Anna possui graduação em História Licenciatura pela UFSC (1990), mestrado em História pela UFSC (1996) e doutorado em História pela UFRGS (2005). Realizou estágio de doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2003), Pós-Doutoramento na Universidade de Strasbourg (2011), e concluiu recentemente Pós-Doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGAV. É líder do grupo de pesquisa “Moda, Artes, Ensino e Sociedade” e coordenadora de atividades de Extensão. Atualmente é professor efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina e membro do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da mesma instituição. Concentra suas pesquisas na área de História da Cultura e Ensino Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: aparência, moda, estudos da imagem relacionados ao consumo e ao ensino, a formação em artes e Victor Meirelles.

Maria de Fátima Mattos é licenciada em Pedagogia, Educação Artística, Música e Desenho. Bacharel em Música pela Faculdade de Música de Ribeirão Preto. Especialista em Cenografia e Indumentária pela UNAERP. Mestre em História pela UNESP e Doutora em Artes (História da Arte) pela USP. Docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, e Moda, no Centro Universitário Moura Lacerda. Docente Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do CUMML com pesquisas em Educação, história e cultura; Cultura Escolar; Ensino Profissional; Ensino de Arte; Representações dos Espaços na Arquitetura Escolar. Avaliadora de Cursos do INEP/MEC. Criadora do evento Colóquio de Moda e, atualmente, Presidente da Abepem (Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda).

1 INTRODUÇÃO

O Fórum das Escolas de Moda “Dorotéia Baduy Pires” chega, em 2021, à 15ª edição consolidado como o principal evento para discussão acerca da formação superior em Moda no país. Através das memórias das professoras Dra. Maria de Fátima Mattos (CUML) e Dra. Mara Rúbia Sant’Anna (UDESC), respectivamente presidenta e vice-presidenta do evento, a entrevista conta a história do Fórum das Escolas de Moda e a importância do Grupo de Trabalho (GT) “Educação: teoria e prática em Moda”, ações que ocorrem durante a programação do Colóquio de Moda, o maior evento científico no país. Nosso objetivo é documentar o papel do Fórum e do GT frente às transformações nacionais ocorridas nas diretrizes de formação dos cursos superiores de moda e somar, aos trabalhos progressos, mais alguns vestígios dessa história. Operamos, inevitavelmente, na dinâmica da memória e do esquecimento e possibilitamos, dessa forma, imprimir olhares atentos à pluralidade de vozes que a compõem e, ao mesmo tempo, a identificação das potencialidades de ambos, o Fórum e o GT, para mudanças curriculares emergentes, acompanhando as problematizações apresentadas nas pesquisas durante a realização do 1º Encontro de GTs, em 2020, que se referem principalmente à inclusão das diversidades (de gênero, sexualidade, étnico-racial, dentre outras) e ao uso de novas tecnologias no ensino. As professoras foram entrevistadas separadamente, de maneira virtual, em razão da pandemia da COVID-19.

Entrevistadores:

Como surgiu o Fórum das Escolas de Moda? Quais eram os objetivos e o contexto do seu surgimento?

Entrevistadas:

Mara Rúbia: Em 1998, organizei um Encontro Nacional de Estudiosos de Moda na UDESC, que resultou em uma associação - a Sociedade Brasileira de Estudiosos em Moda (SBEM). Kathia Castilho e eu ficamos até o ano 2000 nessa presidência. O encontro foi articulado com cinco eixos da formação: administração, criação, história, modelagem e confecção; montamos comitês onde eram debatidos os pontos fortes e fracos, dos quais sairia uma carta de intenção com metas a serem discutidas e alcançadas nessas áreas de formação.

O segundo Encontro³ foi em Caxias do Sul e fizemos edital de eleição para a presidência. Foi chapa única e foi eleita outra diretoria⁴. O Encontro, que era para ocorrer em 2002, em São Paulo, já não teve. Nessa época, estava no doutorado e, por isso, não dei continuidade. Quando voltei, em 2005, tinha sido organizado o Colóquio de Moda e novas ideias sobre um Fórum das Escolas de Moda estavam em processo de projeção para ocorrer no ano seguinte ao do primeiro Colóquio, isto é, em 2006.

Maria De Fátima: O Fórum teve início no ano seguinte ao primeiro Colóquio. Realizamos o primeiro Colóquio em Ribeirão Preto, em 2005, pensando nos alunos da universidade onde trabalho; era a primeira iniciativa no Brasil de realização de um Congresso de Moda. A ideia de criação do evento surgiu devido às dificuldades para fazer o reconhecimento [legal] do nosso curso: tratava-se de uma área que não produzia pesquisa, os livros ainda eram em línguas estrangeiras, tínhamos que nos apoiar em tradução. Essa foi uma dificuldade latente quando ocupei o cargo de coordenadora do curso de moda, em Ribeirão Preto. Nessa situação, ao comentar com a Profa. Dorotéia Baduy Pires, disse-me ela que tal questão pertencia a todos que pretendiam ter um curso sério, para além de um curso de corte e costura, com outras necessidades e demandas de formação. Nós precisávamos, no campo da moda, de um curso que proporcionasse um estofa teórico para o aluno alcançar e desenvolver discussões teóricas referentes à moda.

Talvez pelo fato de nossa formação pertencer à área de humanas, pensávamos dessa maneira. Nesse sentido, intencionamos conversar com os coordenadores, que eram poucos, e levar para o INEP, para o MEC nossas dificuldades e decisões. A nossa proposta era compor uma diretriz curricular para os cursos de moda. Nesse ano, então, realizamos o primeiro Fórum (2006). No ano seguinte, em 2007, a discussão ampliou-se: interessávamos-nos abordar o currículo dos cursos de graduação, de que maneira foram pensados, qual era sua base estrutural e os projetos pedagógicos dos cursos superiores.

Entrevistadores:

Quais temas eram debatidos na época dos primeiros anos do Fórum das Escolas de Moda? Quais preocupações eram urgentes no tema da formação em moda?

³ Realizado em 2000, os encontros seriam bianuais.

⁴ Foi eleita a professora Ana Mery Sehbe de Carli, da Universidade de Caxias do Sul, como nova presidente da SBEM.

Entrevistadas:

Mara Rúbia: Atualmente, o Fórum tem o nome da Dorotéia⁵. Desde 1996, quando surgiu o curso em Londrina, ela interessou-se pelos cursos de moda, suas histórias e os livros já publicados, porque estava fazendo mestrado em educação e sua dissertação tratava do ensino de moda e uma comparação com design (a formação dela era nessa área). Tudo isso foi publicado em alguns textos que temos da Dorotéia hoje. Ela foi, então, uma das pessoas que se preocupou, nacionalmente, em reunir as escolas. Seu posicionamento era de que a moda devia pertencer ao campo do design em virtude de sua formação na Itália, mas tratava-se de um design à moda italiana, não um design industrial à brasileira, cujas raízes encontramos na escola de Ulm. E esse foi o pensamento que predominou no Paraná e na UEL [Universidade Estadual de Londrina], onde ela atuava.

Assim, a Dorotéia difundiu a ideia de que os cursos tinham que se tornar design de moda e o Fórum surge nesse contexto de discussão da regularização dos cursos de moda. No 2º Colóquio de Moda, houve o convite para uma conversa que não se chamou exatamente Fórum naquele primeiro momento; foi uma reunião entre os coordenadores de curso tendo em vista a pauta emergente das diretrizes do Design perante as normativas de regulamentação do MEC, qual era o espaço da moda e estava, de certo modo, alinhavada a noção de que os cursos de moda, os bacharelados e os estilismos, como era o nosso da UDESC naquela época, teriam que virar design de moda. Essa era fala: “iam ter que”.

Nos anos seguintes, ao mesmo tempo em que o Fórum foi se organizando, foi perdendo a característica de ser um lugar de discussão, e representando o lugar de fala das escolas de moda a partir de relatos das práticas de trabalho dos coordenadores. As questões das escolas privadas de ensino superior foram constituindo o centro das preocupações do Fórum. A UEL é pública, é uma Estadual; a Dorotéia, no entanto, nunca teve o perfil da professora de universidade pública. Lembro de um Fórum em Belo Horizonte (aproximadamente 2007), quando uma pessoa do Ministério da Educação palestrou sobre os motivos pelos quais a moda pertencia ao campo do design. Não foi um espaço de debate, foi um espaço de instrução. O Fórum surge com essa preocupação em relação à normativa do MEC, onde a moda vai se situar nesse contexto por uma política pública do ensino superior. Até o Fórum no Rio de Janeiro, em 2012, o último que a Dorotéia participou, foi uma “Era”.

Maria de Fátima: Até 2011, o auge foi a discussão do que eram os currículos, como as escolas deveriam se adequar à legislação vigente e o que nós poderíamos fazer de diferente. A Dorotéia se baseava em um projeto de educação em moda como um projeto da Moda italiana. Essas duas correntes [design italiano e a moda francesa] foram predo-

5 Em 2015, o Fórum das Escolas de Moda adota o nome de Dorotéia Baduy Pires como homenagem póstuma a sua idealizadora.

minantes e o Brasil foi recebendo suas influências: não formamos, até hoje, uma Moda brasileira com discussão própria, uma metodologia projetual da Moda brasileira. Tais anseios resultaram na criação da ABEPEM⁶ [Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda], quando, em 2009, chegamos à conclusão de que era necessária uma associação de pesquisadores que pensassem Moda a cada encontro que continuaríamos realizando no Colóquio de Moda. Estaríamos, assim, ampliando o evento e o Fórum teria uma casa própria. Então, em 2010, sacramentamos a ABEPEM como associação, e ainda temos o sonho de ter uma diretriz curricular para os cursos de moda.

Entrevistadores:

Em 2020, ano do 1º Encontro de GTs, em razão da pandemia da COVID-19, as apresentações online das pesquisas no “GT Educação: Teoria e Prática em Moda” demonstraram uma expressiva preocupação com a inclusão de uma perspectiva racial, decolonial e de gênero no ensino de Moda, mostrando o GT como um potente encontro para discussão de pautas urgentes. Nesse sentido, compreendendo o Fórum das Escolas de Moda como um espaço de debate acerca de diretrizes para a formação em moda, as discussões que ele promove acompanham essas novas demandas de reflexão para a educação em moda? Como o Fórum poderia auxiliar nesse processo?

Entrevistadas:

Maria de Fátima: Os trabalhos apresentados nos GTs deveriam ser frutos de discussão com os dois doutores que mediam este espaço, constituindo parte do processo de pesquisa, e não limitados à apresentação da prática. Contudo, as discussões que aparecem em nosso GT não derivam para uma reflexão que possa ser feita a partir do Fórum porque não há continuidade das pesquisas apresentadas. Na contramão, do Fórum para o GT, tivemos boas conexões. Foram trabalhos que, a partir do Fórum, emergiram questões onde algumas pessoas, cada uma com seu olhar, transformaram em pesquisa e foram debatendo nos anos seguintes dentro do GT. Essas pautas emergentes, que têm sua validade e devem ser discutidas, estão relacionadas à educação das pessoas mediante práticas. Por isso defendo que essas pautas têm que nascer na Educação, onde vamos trabalhar de maneira transversalizada, como eu faço em História da Arte. Se uma pauta dessas pode chegar ao Fórum? Posso dizer que sim.

⁶ Segundo seu estatuto, a primeira diretoria da Associação foi formada por Kathia Castilho (presidente), Doroteia Baduy Pires (vice-presidente), Maria de Fátima de Mattos (1ª secretária), Maria Cláudia Bonadio (2ª secretária), Mônica de Moura (1ª tesoureira) e Ana Paula Celso de Miranda (2ª tesoureira).

Mara Rúbia: É uma nova geração que está fazendo os cursos de moda e que, impulsionadas por outras coisas que não aconteceram dentro do curso, mas chegaram a ele - e aí entra toda a questão da diversidade -, está se apropriando do poder de reivindicar e de resistir a um modelo sempre autocentrado de moda, de beleza, de corpo e de tudo que figura nessa história. Nesse sentido, é uma questão de contexto. A Heloisa Helena de Oliveira Santos, desde João Pessoa [12º Colóquio de Moda], participa do nosso GT trazendo essa pauta, mas, naquele momento, era uma voz no meio de um monte de relato de experiência-padrão. Agora, encontrou parceiros. A Cyntia Tavares Marques de Queiroz tem investido nessa discussão e, recentemente, vemos a iniciativa da criação de uma Diretoria de Diversidade⁷ para a próxima gestão da ABEPEM. No edital deste ano, abriram três [vagas para] GTs sobre ações afirmativas. Então, é um movimento, mas o fórum foi criado muito atrelado às demandas e necessidades de uma conversa sobre ensino de moda vinculado às instituições privadas. E nessas instituições, mesmo que haja cotas, luta e reivindicação inserida em seus espaços, é muito menor do que se faz pelas vias das instituições públicas. Também pela presença, nesta, de um público que está afetado por isso, que encontra na universidade pública acesso à educação. Eu, Fátima e Cyntia não nos questionamos em relação a isso, tanto que a ementa pode ser melhorada e, até hoje, temos uma presença pequena de discussões no ensino que também perpassem discussões de inclusão, diversidade cultural e outras mais.

E o Fórum fica amarrado a toda essa história. É necessário tempo [para o Fórum incluir esses debates] e, se a Diretoria da Diversidade se efetivar, deve-se estar atento para não transformar em pauta questões que demandam perspectivas de diversidade. Por isso, acredito mais em uma micropolítica do que em macropolítica. Se essas discussões se restringirem a um GT, há um limite para a crítica porque é mais fácil falar quando as pessoas concordam com você, não tem que trazer muito argumento. No entanto, quando não há um consenso com a maioria do público, é preciso levar argumentos sustentados. Mais estudantes, hoje, estão vinculados a essa pauta pelas suas histórias pessoais, empatia, solidariedade, por um ativismo, e é nesse amadurecimento que, futuramente, teremos outro Colóquio e até outro sistema de moda, que penso ser mais importante nosso investimento de estudos e pesquisas. Esse movimento acontecerá também quando o sistema se repensar. E são vocês, profissionais de moda, atentos a isso, quem farão esse repensar, produzindo nessa direção.

⁷ Até a data de publicação dessa entrevista, não se consolidou a criação de tal diretoria, de acordo com a entrevistada.

Entrevistadores:

Para finalizar, quais são as perspectivas para o Fórum, para os próximos anos? E quais são as perspectivas para a Educação em Moda, para os próximos anos?

Entrevistadas:

Maria de Fátima: O contexto da época em que nós criamos o Fórum representava uma necessidade de discussão. Hoje, a democracia nossa quase não existe, a palavra do professor foi desmontada e quem manda é o poder do dono. No Fórum, Mara e eu, nos interessamos em trabalhar o espaço da educação superior no Brasil. Nessa temática, recai a questão “os cursos de moda ainda são uma necessidade no país?” Contudo, não tenho mais a certeza de que ainda posso promover no Fórum, de maneira prática, a discussão de ideias de maneira democrática.

Sobre o ensino de moda, sempre tive uma proposta que é a licenciatura em Moda, pois sou uma crítica feroz do corpo docente da área: todos são bacharéis ou tecnólogos de nível superior que fizeram mestrado e doutorado. Da mesma forma que existe licenciatura em Design na Europa, gostaria de ver licenciatura em Moda, ou Design de Moda. E eu gostaria de ver uma proposta para o país, uma Escola Aberta como existe na Europa, nos Estados Unidos, onde a criança pode ser iniciada nos vários ofícios artísticos como a alfaiataria, a costura, o desenho, a modelagem, a escultura e a pintura. Como se fosse uma Escola de Artes e Ofícios. Não com uma perspectiva financeira, mas sim de educação.

Mara Rúbia: A perspectiva para o ensino de moda - que seria uma perspectiva para o ensino superior em geral - é ter um alto investimento na formação do docente porque esta é a grande lacuna do ensino superior. Claro, para que haja uma explícita e constante formação docente, é necessário repensar o ensino superior no Brasil como uma política pública nacional, totalmente contrária à pauta neoliberal colocada no nosso país. Mas estamos numa universidade pública, temos muitas ainda neste país, então, vamos ter esperança.

Em relação ao Fórum, acredito na estratégia de poder dar voz porque é no espaço do diálogo, nessa partilha do sensível, como fala Rancière, que se constroem possibilidades de reflexão e será somente mediante a reflexão que as pessoas se mobilizarão para alterar percursos da sua trajetória. Ninguém tem capacidade de determinar quais formas de trajetórias as pessoas devem ou não perseguir. O debate sempre vai ser um espaço para quem tem disposição de ouvir e de falar, de troca, reflexão e autocrítica e é nessa autocrítica que nasce alguma mudança.

Esbocei, em uma tentativa de reformular o Fórum⁸, que ele não deveria acontecer por duas horas, uma vez ao ano; sim, ser um espaço permanente de troca e discussão, no qual professores e coordenadores deveriam se comprometer com esse tipo de evento entre aspas (sic), fazendo propostas de discussão ao longo do ano, mobilizando-se dentro das suas instituições nestes mesmos debates para que, quando acontecesse o fórum, o que se teria ali fossem pessoas que haviam se transformado de um ano para o outro, por conta da manutenção dessas reflexões e desses debates. Então, minha utopia é exatamente essa: o Fórum enquanto opção de exercício crítico do ensino de moda e, ao mesmo tempo, ferramenta, no momento em que ele mobiliza as pessoas. Uma pesquisa sobre os egressos, por exemplo, pode ser um ponto de partida válido para se desconstruírem alguns desses mitos: a universidade deve se submeter aos ditames empresariais, porque a empresa não confia no aluno formado na universidade, o papel da universidade é desenvolver tecnologia para aumentar o lucro. Desconstruiria alguns mitos porque, efetivamente, não é isso que tem sido feito esses anos todos.

Entrevistadores:

Quando nos propusemos a realizar as entrevistas ora expostas, um esforço maior nos serviu de guia: refletir sobre a dimensão da formação superior em Moda no país. Esse ímpeto não surge descolado de um contexto. Ao contrário, insere-se em um debate que se atualiza e se entretetece por questões da moda como campo científico, pelos encaminhamentos das políticas nacionais de educação superior cooptadas pela lógica neoliberal e seus reflexos na institucionalização da moda no ensino superior, pela emergência de discussões, no que compete ao campo e à formação em moda, que marcam e visibilizam os entrecruzamentos das condições de raça, classe e gênero às relações (re)produzidas pelas dinâmicas operantes no sistema de moda e ao perfil profissional que é investido por estes cursos de ensino superior.

Tratam-se de questões que, algumas de maneira mais direta, outras, indiretamente, foram tocadas pelas entrevistadas justamente porque referem-se a compromissos ético-políticos aos quais a moda não pode se furtar enquanto campo produtor de conhecimento científico. E é nesse sentido que convocamos a mirá-las por prismas de narrativas do passado generosamente oferecidas pelas professoras Dra. Maria de Fátima Mattos e Dra. Mara Rúbia Sant'Anna, cujas atuações, reconhecidamente importantes na construção dos espaços de debate da educação em moda no país, como o Fórum das Escolas de

⁸ No 14º Colóquio de Moda, em Curitiba, um dos encaminhamentos propostos no Fórum das Escolas de Moda foi a realização de uma pesquisa que cada escola de moda conduziria com seus egressos a fim de levantar dados acerca de suas vidas profissionais (área de atuação, opções de carreira, formações complementares, entre outros).

Moda e o GT “Educação: teoria e prática em Moda”, forneceram material para que pudéssemos registrar e, de certo modo, oficializar suas memórias.

Ao nos pôr em escuta, também tencionamos rastrear “ecos de vozes que emudeceram”, como propõe Walter Benjamin⁹: ouvir algumas vozes nos possibilita perscrutar vozes outras, estar ciente da polifonia que perfaz a história da educação em moda no país. Se são múltiplas e, ao mesmo tempo, impossíveis de abarcar em totalidade, nos posicionamos ao elencar o que visibilizar e o que esquecer. Aqui, nos comprometemos a tocar nessa história por mais alguns ângulos, não porque acreditamos que sejam nossas âncoras de verdade, prontas e acabadas, mas para que se enredem à complexa trama - que todos nós que nos debruçamos a pensar moda estamos implicados - do passado e do presente da moda no Brasil. Vislumbrar essa história por suas tensões possibilita compreender, afinal, as forças que impulsionaram o que encontramos atualmente e perceber o futuro como um possível feito também de murmúrios, esquecimentos, rastros e ecos.

Data de submissão: 19/05/2021

Data de aceite: 07/03/2022

Data de publicação: 19/04/2022



⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 223.